CADERNOS MACAMBIRA

ISSN 2525-6580, Serrinha, Bahia - v. 11, n. especial 2, 2026. https://doi.org/10.59033/cm.v11iespecial2.2215.
Anais da I Mostra Científica ELOS - Entrelaços dos Saberes: Ciência e Ancestralidade nos Territórios do Sertão Produtivo

RELATO DE EXPERIÊNCIA / EXPERIENCE REPORT

Área temática: Território, biodiversidade e produção artesanal de produtos medicinais

CIÊNCIA, ORALIDADE E SABERES ETNOBOTÂNICOS NO QUILOMBO LAGOA DOS ANJOS (BA): PRODUÇÃO ARTESANAL DE XAROPES MEDICINAIS

SCIENCE, ORALITY, AND ETHNOBOTANICAL KNOWLEDGE IN THE LAGOA DOS ANJOS QUILOMBO (BA): ARTISANAL PRODUCTION OF MEDICINAL SYRUPS

Camila Vitoria Costa Ferreira[1], Taís Carolane Souza Almeida[2], Luziane Neves Martins[3], Luciene Alves dos Santos Silva[4], Daniele de Brito Trindade[5]

[1] Licencianda em Ciências Biológicas do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia Baiano – *Campus* Guanambi. *Autora correspondente: ferreiracami571@gmail.com
[2] Graduanda em Bacharelado em Engenharia Agronômica do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia Baiano, *Campus* Guanambi.
[3] Licencianda em Ciências Biológicas do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia Baiano, *Campus* Guanambi.
[4] Mestra dos Saberes Tradicionais do curso de extensão Ciência e Ancestralidade: formação em Agroecologia e Saberes Tradicionais do Sertão Produtivo, Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia Baiano, *Campus* Guanambi. Moradora do Quilombo Lagoa dos Anjos, Candiba - BA.
[5] Doutora em Estatística pela Universidade Federal de Pernambuco – PPGE/UFPE. Professora do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia, *Campus* Guanambi.

RESUMO: Este trabalho apresenta a experiência da oficina de preparação e conservação de xaropes medicinais realizada no Quilombo Lagoa dos Anjos, Candiba-BA, no contexto do curso de extensão "Ciência e Ancestralidade: formação em Agroecologia e Saberes Tradicionais sobre Plantas Medicinais do Sertão Produtivo". O estudo teve como objetivo analisar a integração entre saberes tradicionais e conhecimentos científicos a partir das práticas etnobotânicas relacionadas à produção artesanal de remédios caseiros, bem como discutir o papel da oralidade na preservação dos conhecimentos ancestrais. A pesquisa caracteriza-se como um relato de abordagem qualitativa, desenvolvido por meio de oficina participativa conduzida pela Mestra dos Saberes Tradicionais Luciene Alves dos Santos Silva, conhecida como Tia Iyô. Durante a atividade, foram compartilhados conhecimentos sobre o preparo e a conservação de xaropes medicinais tradicionalmente utilizados na comunidade, como o xarope do umbigo da banana, o xarope das criancinhas e o xarope anti-inflamatório, chamado localmente de "desinflamatório". Além da transmissão dos modos de preparo, a oficina abordou orientações relacionadas à higienização, conservação, dosagem e uso adequado dos remédios caseiros, evidenciando aproximações entre práticas tradicionais e cuidados associados ao conhecimento científico. Os resultados demonstraram intensa participação dos cursistas e significativa troca de experiências entre moradores quilombolas, professores e licenciandos, fortalecendo a oralidade como elemento central na transmissão dos saberes etnobotânicos e na preservação da memória biocultural da comunidade. Conclui-se que a articulação entre ciência e ancestralidade contribui para o reconhecimento das práticas tradicionais de cuidado como importantes formas de produção de conhecimento, favorecendo a valorização da biodiversidade, da cultura

Este trabalho está licenciado sob uma Licença Internacional Creative Commons Attribution-NonCommercial-ShareAlike 4.0 International

quilombola e da educação intercultural.

Palavras-Chave: Ancestralidade. Educação Intercultural. Fitoterapia Popular. Oralidade. Saberes Tradicionais.

ABSTRACT: This study presents the experience of a workshop on the preparation and preservation of medicinal syrups carried out in the Quilombo Lagoa dos Anjos, located in Candiba, within the context of the extension course *"Science and Ancestry: Training in Agroecology and Traditional Knowledge on Medicinal Plants of the Sertão Produtivo."* The study aimed to analyze the integration between traditional knowledge and scientific knowledge through ethnobotanical practices related to the artisanal production of homemade remedies, as well as to discuss the role of orality in preserving ancestral knowledge. The research is characterized as a qualitative experience report developed through a participatory workshop led by the Master of Traditional Knowledge Luciene Alves dos Santos Silva, known as Tia Iyô. During the activity, knowledge was shared regarding the preparation and preservation of medicinal syrups traditionally used in the community, such as banana navel syrup, children's syrup, and the anti-inflammatory syrup locally called "desinflamatório." In addition to demonstrating preparation methods, the workshop addressed guidelines related to hygiene, preservation, dosage, and the proper use of homemade remedies, highlighting connections between traditional practices and care associated with scientific knowledge. The results demonstrated intense participation by the attendees and a significant exchange of experiences among quilombola residents, teachers, and undergraduate students, strengthening orality as a central element in the transmission of ethnobotanical knowledge and in the preservation of the community's biocultural memory. It is concluded that the articulation between science and ancestry contributes to the recognition of traditional care practices as important forms of knowledge production, fostering the appreciation of biodiversity, quilombola culture, and intercultural education.

Keywords: Ancestry. Intercultural Education. Folk Herbal Medicine. Orality. Traditional Knowledge.

INTRODUÇÃO

As comunidades quilombolas constituem importantes territórios de resistência, ancestralidade e permanência dos saberes tradicionais no Brasil. Desde o período escravocrata, os quilombos foram formados como espaços de luta pela liberdade e continuidade das tradições africanas, mantendo práticas e conhecimentos transmitidos entre gerações (Dantas; Mattos; Abreu, 2012; Munanga; Gomes, 2006).

Segundo Dantas, Mattos e Abreu (2012), a fuga do cativeiro configurou uma das principais formas de resistência à escravidão, enquanto Munanga e

Gomes (2006) destaca que a permanência dos quilombos ocorreu por meio de estratégias de resistência e das relações estabelecidas com outros grupos sociais.

Nesse contexto, os modos de vida quilombolas mantêm conhecimentos relacionados à agricultura, ao cuidado com a saúde e ao uso tradicional de plantas medicinais. Conforme Geertz (1989), os conhecimentos e significados produzidos pelos sujeitos são construídos a partir das experiências vividas ao longo do tempo. Assim, os saberes tradicionais presentes nas comunidades quilombolas são transmitidos principalmente pela oralidade, fortalecendo a memória coletiva e a continuidade dos conhecimentos ancestrais.

A oralidade, portanto, constitui importante mecanismo de transmissão dos saberes relacionados ao cuidado, à espiritualidade e à relação com a natureza. Os rituais ligados à natureza e preservados na memória dos povos atravessam gerações, expressando saberes ancestrais sobre o cuidado, a proteção e as práticas de cura (Santos; Cazumbá, 2022). A valorização desses conhecimentos torna-se essencial para o reconhecimento das contribuições das comunidades quilombolas na formação social brasileira (Pereira; Serrano; Porto, 2012).

O uso de plantas medicinais representa uma das formas mais antigas de cuidado com a saúde em comunidades tradicionais. Segundo Carvalho e Conceição (2015) e Falcão *et al.* (2022), essas práticas envolvem o preparo de chás, infusões e remédios caseiros utilizados no tratamento de enfermidades.

Além de seu valor terapêutico, tais conhecimentos abrangem formas de preparo, conservação, dosagem e uso seguro das plantas, estabelecendo aproximações com princípios associados ao conhecimento científico. Tomazzoni, Negrelle e Centa (2006) afirmam que esses saberes são construídos a partir das experiências acumuladas pelas comunidades e transmitidos entre gerações por meio da oralidade.

Segundo Carniello *et al.* (2010), a etnobotânica busca compreender as relações entre as comunidades humanas e os recursos vegetais presentes em

Cadernos Macambira - ISSN 2525-6580, Serrinha, Bahia - v.11, n. especial 2, p. e011062215, 2026.
https://doi.org/10.59033/cm.v11iespecial.2215 - Anais da I Mostra Científica ELOS - Entrelaços dos Saberes: Ciência e Ancestralidade nos Territórios do Sertão Produtivo

seus territórios. Nesse sentido, esse campo promove aproximações entre conhecimentos científicos e saberes tradicionais, valorizando os conhecimentos construídos pelas populações ao longo das gerações (Albuquerque et al., 2022).

Entre as formas tradicionais de utilização de plantas medicinais, destaca-se o preparo de xaropes, que envolve conhecimentos sobre as propriedades das plantas, as partes utilizadas e os modos de preparo. No Quilombo do Remanso, em Lençóis, Bahia, o preparo de xaropes por agricultoras familiares evidencia a importância da transmissão oral dos conhecimentos sobre medicina tradicional e do protagonismo das mulheres na continuidade dessas práticas (Ferreira; Santos, 2018).

Dessa forma, o presente trabalho objetiva apresentar a experiência de uma oficina participativa sobre o preparo de xaropes medicinais realizada no Quilombo Lagoa dos Anjos, localizado na zona rural de Candiba, visando analisar a integração entre saberes tradicionais e conhecimentos científicos, bem como discutir a importância da oralidade na permanência dos conhecimentos ancestrais relacionados ao cuidado com a saúde.

CONTEXTO

A oficina de preparação e conservação de remédios caseiros integra o curso de extensão “Ciência e Ancestralidade: formação em Agroecologia e Saberes Tradicionais do Sertão Produtivo”, vinculado à Escola Nacional Nego Bispo, via Edital IFBA nº 41/2025 (IFBA, 2025).

Desenvolvido pelo Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia Baiano - *Campus* Guanambi, majoritariamente no Quilombo Lagoa dos Anjos, localizado na zona rural de Candiba, o curso reuniu moradores da comunidade quilombola, professores da educação básica dos municípios de Guanambi, Candiba e Iuiú e estudantes de licenciatura em Ciências Biológicas, promovendo ações voltadas aos saberes tradicionais, à agroecologia e às plantas medicinais.

O *lócus* da atividade extensionista foi a comunidade quilombola Lagoa dos Anjos, localizada na zona rural de Candiba, município integrante do Território de Identidade Sertão Produtivo. A comunidade foi reconhecida como remanescente de quilombo pela Fundação Cultural Palmares (FCP), por meio da Portaria nº 211, de 21 de dezembro de 2011 (FCP, 2011).

A oficina foi conduzida pela Mestra dos Saberes Tradicionais Luciene Alves dos Santos Silva, conhecida como Tia Iyô, que compartilhou conhecimentos relacionados ao preparo, à conservação, à dosagem e ao uso adequado dos xaropes medicinais. Além da valorização dos saberes ancestrais, a atividade também abordou aspectos relacionados à higienização, ao armazenamento e à utilização segura dos remédios caseiros, evidenciando aproximações entre práticas tradicionais e conhecimentos associados à saúde e à fitoterapia.

A oficina foi compreendida como uma estratégia formativa que articula teoria e prática e favorece a participação ativa dos envolvidos na construção do conhecimento. Para Paviani e Fontana (2009), as oficinas pedagógicas constituem espaços de produção e apropriação de conhecimentos por meio da articulação entre reflexão e ação. Nessa perspectiva, a atividade valorizou a experiência e os saberes compartilhados por Tia Iyô, promovendo o diálogo entre conhecimentos tradicionais e científicos e reconhecendo a comunidade como espaço de produção e transmissão de saberes.

DESENVOLVIMENTO

Preparo dos xaropes e saberes tradicionais

A oficina intitulada “Preparação e conservação de remédios caseiros” foi realizada em 7 de março de 2026, na comunidade quilombola Lagoa dos Anjos, em Candiba-BA, sob a condução da Mestra dos Saberes Tradicionais Luciene Alves dos Santos Silva, conhecida como Tia Iyô. Durante a atividade, foram

Cadernos Macambira - ISSN 2525-6580, Serrinha, Bahia - v.11, n. especial 2, p. e011062215, 2026.
https://doi.org/10.59033/cm.v11iespecial.2215 - Anais da I Mostra Científica ELOS - Entrelaços dos Saberes: Ciência e Ancestralidade nos Territórios do Sertão Produtivo

apresentados os ingredientes, os modos de preparo e os usos tradicionalmente atribuídos a três xaropes medicinais: o xarope do umbigo da banana, o xarope das criancinhas e o xarope anti-inflamatório, denominado por Tia Iyô como “desinflamatório” (Figura 1).

Figura 1. Preparo dos xaropes medicinais e manipulação dos ingredientes durante a oficina “Preparação e conservação de remédios caseiros”. Candiba-BA.



Fonte: acervo das autoras, 2026.
Todos os participantes do curso “Ciência e Ancestralidade” assinaram o TCLE e a autorização do uso de voz e de imagem aprovados pelo Comitê de Ética em Pesquisa (CEP) parecer nº 7.352.905.

Segundo Tia Iyô, o xarope do umbigo da banana é utilizado na comunidade para a “limpeza e fortalecimento do pulmão”. Em sua versão mais completa, a preparação reúne o coração da banana, cinco caroços de umburana-macho (*Amburana cearensis* (Allem.) A.C. Smith), além da casca e das sementes da romã (*Punica granatum* L.).

Conforme o relato da mestra, essa combinação é tradicionalmente utilizada em situações de pneumonia. O preparo leva meio litro de água e 200 ml de açúcar, que pode ser substituído por rapadura. O cozimento dura aproximadamente uma hora a uma hora e meia, sendo a formação abundante de espuma um dos sinais utilizados para identificar o ponto. Tia Iyô também apresentou uma versão considerada mais suave, preparada apenas com o

Cadernos Macambira - ISSN 2525-6580, Serrinha, Bahia - v.11, n. especial 2, p. e011062215, 2026.
https://doi.org/10.59033/cm.v11iespecial.2215 - Anais da I Mostra Científica ELOS - Entrelaços dos Saberes: Ciência e Ancestralidade nos Territórios do Sertão Produtivo

coração da banana, e desaconselhou o uso da versão mais forte por crianças menores de dois anos.

O segundo preparo, denominado “xarope das criancinhas”, utiliza mentrasto (*Ageratum conyzoides* L.), hortelã-miúdo (*Mentha spicata* L.) e vick (*Mentha arvensis* L.). A receita segue uma base de meio litro de água e 200 ml de açúcar, com possibilidade de substituição por mel ou rapadura. Assim como na preparação anterior, a formação de espuma durante o cozimento foi indicada como referência para reconhecer o ponto. De acordo com a mestra, esse xarope é tradicionalmente utilizado em situações de gripe, resfriado e inflamação.

Já o xarope “desinflamatório” é preparado com folhas de algodão rim-de-boi (*Gossypium barbadense* L.), tanchagem (*Plantago major* L.) e goiabeira (*Psidium guajava* L.). A preparação utiliza meio litro de água e 200 ml de açúcar, que pode ser substituído por mel ou rapadura. Durante a demonstração, Tia Iyô também compartilhou o uso tradicional do algodão rim-de-boi no alívio de cólicas intensas, especialmente entre as mulheres da comunidade. Ao relatar os conhecimentos transmitidos em sua família, expressou, com bom humor: “é só para quem tem fé, quem não tem não cura”.

Os relatos evidenciam que o preparo dos xaropes envolve conhecimentos sobre a seleção e a combinação das plantas, as proporções dos ingredientes, o tempo de cozimento e os sinais utilizados para reconhecer o ponto das preparações. Esses saberes, compartilhados pela mestra a partir de suas experiências e dos conhecimentos aprendidos com seus antepassados, constituíram o eixo central da atividade.

3.2 Oralidade, memória e construção compartilhada dos saberes

A oficina foi desenvolvida de forma expositiva e dialogada, favorecendo a interação entre Tia Iyô e os participantes. Durante as explicações, os presentes fizeram perguntas sobre os usos atribuídos aos xaropes, o preparo, o tempo de conservação e as formas de utilização. Também compartilharam experiências

Cadernos Macambira - ISSN 2525-6580, Serrinha, Bahia - v.11, n. especial 2, p. e011062215, 2026.
https://doi.org/10.59033/cm.v11iespecial.2215 - Anais da I Mostra Científica ELOS - Entrelaços dos Saberes: Ciência e Ancestralidade nos Territórios do Sertão Produtivo

relacionadas ao uso de plantas medicinais no cotidiano, mencionando conhecimentos aprendidos com mães, avós e outros familiares.

Essas trocas evidenciaram a importância da oralidade na circulação dos conhecimentos tradicionais e na aprendizagem coletiva. Conforme Moreira et al. (2002), a transmissão de informações entre gerações constitui um elemento importante na continuidade dos conhecimentos relacionados às plantas medicinais. Na oficina, essa transmissão pôde ser observada tanto no relato das experiências de Tia Iyô quanto nas memórias compartilhadas pelos participantes, que reconheceram a presença desses saberes em suas trajetórias familiares (Figura 2).

Figura 2. Diálogo e troca de experiências entre Tia Iyô e os participantes durante a oficina "Preparação e conservação de remédios caseiros". Candiba-BA.



Fonte: acervo das autoras, 2026.
Todos os participantes do curso "Ciência e Ancestralidade" assinaram o TCLE e a autorização do uso de voz e de imagem aprovados pelo Comitê de Ética em Pesquisa (CEP) parecer nº 7.352.905.

A interação entre os envolvidos também permitiu aproximar diferentes experiências e conhecimentos. As explicações da mestra sobre o preparo dos xaropes foram acompanhadas por perguntas, relatos e comentários dos participantes, compondo um espaço de diálogo sobre as formas de cuidado presentes na comunidade. Essa dinâmica se aproxima da perspectiva de Freire

Cadernos Macambira - ISSN 2525-6580, Serrinha, Bahia - v.11, n. especial 2, p. e011062215, 2026.
https://doi.org/10.59033/cm.v11iespecial.2215 - Anais da I Mostra Científica ELOS - Entrelaços dos Saberes: Ciência e Ancestralidade nos Territórios do Sertão Produtivo

(1996), para quem o diálogo é fundamental no processo educativo e na construção compartilhada do conhecimento.

Outro aspecto destacado por Tia Iyô foi a relação entre o preparo adequado e a conservação dos xaropes. Segundo seu relato, as preparações podem durar aproximadamente 30 dias quando realizadas e armazenadas adequadamente. As orientações sobre higienização, armazenamento e conservação despertaram o interesse dos participantes e ampliaram as discussões sobre os cuidados envolvidos nessas práticas.

Dessa forma, a oficina favoreceu o compartilhamento de experiências e o reconhecimento dos saberes tradicionais como conhecimentos construídos e transmitidos nas relações familiares e comunitárias. A participação da mestra também evidenciou o papel das pessoas detentoras desses conhecimentos na continuidade das práticas de cuidado presentes no território.

3.3 Diversidade de nomes populares e cuidados no uso das plantas medicinais

A atividade também possibilitou identificar diferentes denominações populares atribuídas às plantas utilizadas na preparação dos xaropes, evidenciando a diversidade de conhecimentos compartilhados pelos participantes. O Quadro 1 reúne os nomes científicos, as denominações populares principais e outras variações mencionadas durante a oficina, permitindo visualizar a diversidade de formas pelas quais essas plantas são reconhecidas na comunidade. A umburana-macho, por exemplo, foi mencionada também como imburana-de-cheiro, camaru, camaru-do-ceará e louro-ingá, enquanto a romã recebeu a denominação de romeira.

O mentrasto foi associado a nomes como catinga-de-bode, picão-roxo, celestina e erva-de-são-joão. O hortelã-miúdo também foi chamado de hortelã-rasteira, hortelã-comum e hortelã-de-cheiro, enquanto o vick foi identificado como hortelã-vick. Já o algodão rim-de-boi recebeu as denominações de

Cadernos Macambira - ISSN 2525-6580, Serrinha, Bahia - v.11, n. especial 2, p. e011062215, 2026.
https://doi.org/10.59033/cm.v11iespecial.2215 - Anais da I Mostra Científica ELOS - Entrelaços dos Saberes: Ciência e Ancestralidade nos Territórios do Sertão Produtivo

algodão maranhão e algodão-roxo, e a tanchagem foi associada a nomes como sete-nervos, língua-de-vaca, taiova e tançagem.

Essas variações mostram que a identificação das plantas também se relaciona às experiências e às formas de nomeação compartilhadas pelas comunidades. Segundo Souza (1997), a nomenclatura popular das plantas está associada às vivências comunitárias, às características morfológicas e aos efeitos terapêuticos observados ao longo do tempo. Nesse sentido, registrar as denominações mencionadas durante a oficina contribui para documentar parte do repertório de conhecimentos mobilizado pelos participantes.

Quadro 1. Plantas medicinais utilizadas na preparação dos xaropes e seus nomes populares identificados na oficina.

Nome científico*	Nome popular principal	Outras denominações populares
Amburana cearensis (Allem.) A.C. Smith	Umburana-macho	Imburana-de-cheiro, camaru, camaru-do-ceará e louro-ingá
Punica granatum L.	Romã	Romeira
Ageratum conyzoides L.	Mentrasto	Catinga-de-bode, picão-roxo, celestina e erva-de-são-joão
Mentha spicata L.	Hortelã-miúdo	Hortelã-rasteira, hortelã-comum e hortelã-de-cheiro
Mentha arvensis L.	Vick	Hortelã-vick
Gossypium barbadense L.	Algodão rim-de-boi	Algodão maranhão e algodão-roxo
Plantago major L.	Tanchagem	Sete-nervos, língua-de-vaca, taiova e tançagem
Psidium guajava L.	Goiabeira	Não foram registradas outras denominações no relato da oficina.
Musa spp.	Bananeira	O preparo utiliza o coração da banana, também denominado umbigo da banana.

Fonte: Elaborado pelas autoras (2026), com base nos relatos compartilhados durante a oficina.

* Royo *et al.* 2023; SISTSP, 2014; Santos e Cordeiro, 2020; Mundo Ecologia, 2019; Araújo e Dantas, 2018; Embrapa.

Além da identificação das plantas, foram discutidos cuidados e restrições relacionados ao uso dos xaropes. Tia Iyô (Figura 3) ressaltou que algumas

Cadernos Macambira - ISSN 2525-6580, Serrinha, Bahia - v.11, n. especial 2, p. e011062215, 2026.
https://doi.org/10.59033/cm.v11iespecial.2215 - Anais da I Mostra Científica ELOS - Entrelaços dos Saberes: Ciência e Ancestralidade nos Territórios do Sertão Produtivo

preparações são consideradas fortes nas práticas tradicionais de cuidado e, por isso, desaconselhou seu uso por crianças, especialmente aquelas menores de dois anos. Segundo a mestra, há uma preparação específica destinada aos pequenos, elaborada com plantas consideradas mais suaves. Ela também apresentou orientações sobre a quantidade utilizada, indicando o limite de duas colheres, sem que o relato especificasse outros parâmetros de dosagem.

Figura 3. Mestra dos saberes e xaropes medicinais preparados durante a oficina "Preparação e conservação de remédios caseiros". Candiba-BA.



Fonte: acervo das autoras, 2026.
Todos os participantes do curso "Ciência e Ancestralidade" assinaram o TCLE e a autorização do uso de voz e de imagem aprovados pelo Comitê de Ética em Pesquisa (CEP) parecer nº 7.352.905.

As recomendações sobre o preparo, a conservação e o uso dos xaropes integraram os conhecimentos compartilhados durante a oficina, ressaltando que as práticas tradicionais de cuidado também envolvem orientações e restrições construídas a partir das experiências comunitárias.

Conforme Moreira *et al*. (2002), o uso popular das plantas medicinais está relacionado às necessidades de cuidado e ao tratamento de enfermidades no cotidiano das comunidades. Na experiência relatada, os conhecimentos compartilhados por Tia Iyô permitiram reconhecer aspectos relacionados à seleção das plantas, às formas de preparo, à conservação e às restrições de uso, além de evidenciar a diversidade de denominações populares presentes no território.

Cadernos Macambira - ISSN 2525-6580, Serrinha, Bahia - v.11, n. especial 2, p. e011062215, 2026.
https://doi.org/10.59033/cm.v11iespecial.2215 - Anais da I Mostra Científica ELOS - Entrelaços dos Saberes: Ciência e Ancestralidade nos Territórios do Sertão Produtivo

Assim, a oficina possibilitou documentar saberes tradicionais relacionados à preparação de xaropes e às plantas medicinais, destacando a oralidade, a memória familiar e a experiência comunitária como elementos importantes na transmissão desses conhecimentos. A atividade também promoveu o diálogo entre os participantes e a mestra, contribuindo para a valorização dos saberes ancestrais e para a aproximação entre conhecimentos tradicionais e científicos.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A oficina de preparação de xaropes medicinais possibilitou a construção coletiva de conhecimentos sobre o uso de plantas medicinais e remédios caseiros, articulando saberes tradicionais e conhecimentos associados ao cuidado com a saúde. Fundamentada na oralidade e no diálogo, a atividade promoveu a troca de experiências entre moradores da comunidade, professores e licenciandos, fortalecendo a circulação dos conhecimentos ancestrais transmitidos entre gerações.

A participação de Tia Iyô, mestra dos saberes tradicionais e moradora da comunidade, evidenciou a importância da oralidade na permanência desses saberes e na valorização das práticas tradicionais relacionadas ao cuidado e à relação com a natureza. Além disso, a oficina aproximou o espaço acadêmico do território quilombola, favorecendo diálogos entre ciência, ancestralidade e práticas comunitárias.

A experiência também demonstrou a relevância de ações educativas e extensionistas voltadas à valorização dos saberes ancestrais, reconhecendo as práticas tradicionais como importantes formas de produção de conhecimento e cuidado coletivo no contexto quilombola.

REFERÊNCIAS

ALBUQUERQUE, U. P. **Introdução a etnobotânica.** 2. ed. Rio de Janeiro: Interciência, 2005. 120 p.

ARAUJO, M. do N.; DANTAS, B. F. **Umburana-de-cheiro: Amburana cearensis (Allemão) A.C.Sm.** Londrina: ABRATES, 2018. 6 p. (Nota Técnica, n. 9). Disponível em: https://www.alice.cnptia.embrapa.br/alice/handle/doc/1139647 Acesso em: 27 abr. 2026.

CARNIELLO, M. A.; SILVA, R. dos S.; CRUZ, M. A. B. da; GUARIM NETO, G. Quintais urbanos de Mirassol D' Oeste -MT, Brasil: uma abordagem etnobotânica. **Acta Amazonica**, Manaus, AM, v. 40, n. 3, p. 451-470, 2010. Disponível em: https://new.scielo.br/j/aa/a/nQrLqNcHphKJwvXVf5LBzPK/abstract/?lang=pt&ilang=pt_BR. Acesso em: 10 mai. 2026.

CARVALHO, A. P. da. S.; CONCEIÇÃO. G. M. da. Utilização de plantas medicinais em uma área da estratégia de saúde da família, Caxias, Maranhão. **Enciclopédia Biosfera,** Centro Científico Conhecer- Goiânia, V. 11. n. 21; p. 3477. 2015. Disponível em: https://www.studocu.com/pt-br/document/universidade-de-sao-paulo/genetica/5-carvalho-conceicao-2015/17788230?sid=508fc2dd-2802-45bc-95a6-d545ac6d400c1793102591. Acesso em: 5 mai. 2026

CONCENÇO, F. I. G. da R.; RAPHAELLI, C. O.; RIBEIRO, J. A.; PAULA, A. B. A. de; VIZZOTTO, M.; NORA, L. **Romã (*Púnica granatum* L.): uma fruta exótica e rica em antioxidantes. Nutrição Brasil**, [S. l.], v. 22, n. 1, p. 138–146, 2023. Disponível em: https://www.alice.cnptia.embrapa.br/alice/handle/doc/1160291. Acesso em: 20 abr. 2026.

DANTAS, C. V.; CASTRO, H. M. M. de; ABREU, M. (org.). **O negro no Brasil:** trajetórias e lutas em dez aulas de história. Rio de Janeiro, RJ: Objetiva, 2012. 166 p. ISBN 9788539004263.

EMBRAPA MANDIOCA E FRUTICULTURA. **Banana**. [s. d.]. Disponível em: https://www.embrapa.br/web/mandioca-e-fruticultura/cultivos/banana. Acesso em: 7 mai. 2026.

FREIRE, P. **Pedagogia da autonomia:** saberes necessários à prática educativa. São Paulo: Paz e Terra, 1996. 148 p.

GEERTZ, C. **A Interpretação das Culturas.** São Paulo: LTC, 1989. 323 p.

MOREIRA, R. de C. T.; COSTA, L. C. do B.; COSTA, R. C. S.; ROCHA, E. A**.** Abordagem etnobotânica acerca do uso de plantas medicinais na Vila Cachoeira, Ilhéus, Bahia, Brasil. **Acta Farmacéutica Bonaerense**, v. 21, n. 3, p. 205**–**211, 2002. Disponível em: https://www.researchgate.net/publication/284419500_Abordagem_Etnobotanica_acerca_do_Uso_de_Plantas_Medicinais_na_Vila_Cachoeira_Ilheus_Bahia_Brasil. Acesso em: 20 mai. 2026.

MUNANGA, K.; GOMES, N. L. **O Negro no Brasil de Hoje**. São Paulo: Global, 2006. 224 p.

MUNDO ECOLOGIA. **Goiabeira: características, nome científico e fotos**. 8 abr. 2019. Disponível em: https://www.mundoecologia.com.br/plantas/goiabeira-caracteristicas-nome-cientifico-e-fotos/. Acesso em: 27 out. 2026.

PEREIRA, M. H. de F.; SERRANO, G. de A.; PORTO, A. P. B. **Quilombolas e quilombos: histórias do povo brasileiro**. 1. ed. São Paulo: Editora RONA, 2012. 80 p.

ROYO, V. de A. *et al*. **Catálogo de plantas medicinais.** Montes Claros: FarmaVerde, 2023. Disponível em: https://doi.org/10.22533/at.ed.998231206. Acesso em: 10 mai. 2026.

SANTOS, E. S. e; CAZUMBÁ, R. F. Vozes ancestrais quilombolas: transmissão de narrativas e saberes tradicionais em comunidades tradicionais de Antônio Cardoso - BA. **Légua & Meia: Revista de Literatura e Diversidade Cultural**, Feira de Santana, v. 14, n. 2, p. 13–34, 2022. Disponível em: https://periodicos.uefs.br/index.php/leguaEmeia/article/view/9991. Acesso em: 15 mai. 2026.

SANTOS, A. C. dos; CORDEIRO, S. Z. **Mentha cf. spicata L.** Rio de Janeiro: UNIRIO, 2020. Disponível em:https://www.unirio.br/ccbs/ibio/herbariohuni/mentha-spicata-l. Acesso em: 20 abr. 2026.

SOUZA, G. P. C. **Estudo etnobotânico da família Lamiaceae no Rio Grande do Sul, com ênfase na busca de espécies com propriedades anticonvulsivantes**. 1997. 167 p. Dissertação (Mestrado em Botânica) – Instituto de Biociências, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 1997.

SISTSP - BANCO DE PLANTAS NOTÁVEIS. **Gossypium barbadense**. [s. d.]. 2014. Disponível em: https://tudosobreplantas.com.br/Gossypium_barbadense/. Acesso em: 27 abr. 2026.

TOMAZZONI, M. I.; NEGRELLE, R. R. B.; CENTA, M. D. L. Fitoterapia popular: a busca instrumental enquanto prática terapêutica. **Texto & Contexto Enfermagem**, Florianópolis, v. 15, n. 1, p. 115–121, 2006. Disponível em: https://www.scielo.br/j/tce/a/YmDTSJkvRQFB5f7q9YQnL4s/?format=html&lang=pt&ilang=pt_BR. Acesso em: 20 mai. 2026